

DA ESPANHA À UCRÂNIA: ANATOMIA DE UMA CEGUEIRA ESTRATÉGICA

“As nações nem sempre escolhem as guerras que são forçadas a travar, mas quase que sistematicamente escolhem, por meio de ações ou inações, o nível de preparação material, doutrinária e psicológica com que entram nelas.”

Loÿs de Pampelonne*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A história estratégica europeia não progride por meio de rupturas repentinas, mas sim por meio de sucessivos avisos que os contemporâneos lutam para decifrar. Alguns conflitos não são anomalias: atuam como catalisadores, antecipando brutalmente as formas de guerra que viriam.

A Guerra Civil Espanhola, entre 1936 e 1939, foi um excelente exemplo. A guerra na Ucrânia hoje é semelhante, com intensidade comparável e implicações estratégicas potencialmente maiores.

A ESPANHA COMO LABORATÓRIO: UM PRECEDENTE INSUFICIENTEMENTE CONSIDERADO

Na década de 1930, as chancelarias europeias perceberam o conflito espanhol como uma tragédia interna: ideológica, periférica e geograficamente contida. Falharam em reconhecer sua verdadeira natureza: um campo de testes militares em grande escala, onde as doutrinas e tecnologias da próxima guerra estavam sendo desenvolvidas metodicamente. A aviação tornou-se uma arma decisiva em vez de um apêndice tático, a coordenação de armas combinadas foi sistematicamente testada e o bombardeio estratégico de centros urbanos entrou para o léxico operacional moderno.

A Legião Condor alemã e a Força Aérea soviética testaram equipamentos e procedimentos em condições reais que nenhum exercício poderia simular. As potências que conseguiram observar metodicamente e integrar rapidamente essas lições abordaram o conflito seguinte com uma vantagem doutrinária e técnica decisiva. Aquelas que se contentaram com uma cautela diplomática matizada por uma cegueira deliberada descobriram, entre 1939 e 1940, que a natureza da guerra havia mudado enquanto elas olhavam para o outro lado. O custo desse aprendizado tardio foi medido em milhões de vidas e anos de domínio totalitário.

UCRÂNIA: UM INDICADOR ESTRATÉGICO DE GUERRA DE ALTA INTENSIDADE

A guerra na Ucrânia hoje desempenha um papel estruturalmente comparável, mas em um ambiente estratégico muito mais denso e tecnologicamente avançado. Este conflito não é simplesmente um confronto territorial ou uma afirmação de soberania, por mais legítimas que essas dimensões possam ser. Antes de mais nada, constitui uma importante revelação doutrinária, expondo sem filtros ou mediação teórica as condições reais da guerra contemporânea de alta intensidade: uma guerra prolongada, profundamente industrializada e tecnologicamente saturada, dominada pelo desgaste e pela capacidade de perdurar por mais tempo do que pelo choque inicial ou pela manobra decisiva.

O teatro de operações ucraniano demonstra que a superioridade tecnológica

temporária já não é um fator decisivo em si mesmo. Drones comerciais de baixo custo neutralizam sistemas de armas complexos que custam milhões de euros, a guerra eletrônica degrada constantemente as capacidades de comando digitalizadas, a artilharia convencional está se tornando novamente o principal árbitro dos combates terrestres e as linhas de frente estão se consolidando em configurações posicionais que se acreditava estarem definitivamente obsoletas desde 1918. A guerra moderna não eliminou a importância da produção em massa: tornou-a mais exigente, mais custosa e mais profundamente enraizada na capacidade industrial nacional.

APRENDENDO A ASSIMETRIA: DEMOCRACIAS E AUTOCRACIAS DIANTE DA REALIDADE

Assim como na Espanha da década de 1930, são os regimes mais autoritários que estão extraindo as lições operacionais mais rápidas deste conflito. Sua relação estruturalmente diferente com as perdas humanas, o pensamento a longo prazo e a mobilização industrial total permitem que eles adaptem doutrinas militares e linhas de produção sem os excessivos atrasos políticos impostos pelos ciclos eleitorais e pelo debate público.

As democracias ocidentais, por outro lado, ainda raciocinam com muita frequência em termos da natureza excepcional ou singularidade do conflito ucraniano, como se ele dissesse respeito fundamentalmente apenas à Ucrânia e suas fronteiras imediatas. Este já foi o erro trágico cometido diante da Espanha republicana. Talvez a lição estratégica mais profunda resida nesta observação: a guerra contemporânea de alta intensidade tornou-se, mais uma vez, um fato total no sentido maussiano¹, envolvendo simultaneamente e inextricavelmente as forças armadas, o aparato industrial, as finanças públicas, a coesão social e a construção da narrativa política.

Um exército moderno não é mais medido principalmente pela qualidade intrínseca de seu equipamento ou pela excelência tática de suas unidades de elite, mas pela força e abrangência de seu ecossistema nacional. Sem estoques suficientes, sem

1 *"Maussiano" refere-se a Marcel Mauss (1872-1950), sociólogo e antropólogo francês. O termo alude a teorias, métodos ou perspectivas baseadas no pensamento de Mauss, com foco principal no seu conceito de dádiva ou dom. O pensamento maussiano defende que a sociedade é construída não apenas por trocas econômicas de mercado, mas principalmente por trocas simbólicas e obrigações sociais.*

uma base industrial de defesa robusta e sem a capacidade orgânica de regeneração humana e material, nenhum exército pode se sustentar ao longo do tempo contra um adversário comparável.

CIRCULAÇÃO ACELERADA DE CONHECIMENTO, INÉRCIA PERSISTENTE NA TOMADA DE DECISÕES

A principal diferença em relação à década de 1930 reside na velocidade com que as lições militares são disseminadas. Hoje, o *feedback* operacional é quase imediato, sistematicamente documentado com imagens e dados, e amplamente acessível a observadores qualificados. A falha em integrar esse *feedback* em doutrinas, programas de armamento e estruturas de forças não pode mais ser razoavelmente atribuída à ignorância ou à informação insuficiente, mas revela uma escolha estratégica implícita: a de adiar a preparação para situações reais, seja por inércia institucional ou por cálculo político de curto prazo.

A Guerra Civil Espanhola não causou a Segunda Guerra Mundial, mas revelou, com precisão antecipatória, suas formas, ritmos e brutalidade industrial. A Ucrânia não desencadeará automaticamente um conflito generalizado na Europa, mas já está delineando seus possíveis contornos operacionais: uma guerra longa e industrialmente custosa, sem qualquer garantia de segurança, onde a vitória pertence menos àqueles que atacam com mais força inicialmente do que àqueles que resistem estrategicamente por mais tempo.

CONCLUSÃO: DA INTENÇÃO À PREPARAÇÃO

A questão estratégica central para as democracias europeias não é, portanto, a da intenção beligerante, que elas não possuem, mas sim a do nível de preparação. As nações nem sempre escolhem as guerras que são forçadas a travar, mas quase sistematicamente escolhem, por meio de ações ou inações, o nível de preparação material, doutrinária e psicológica com que entram nelas.

A história militar europeia permanece notavelmente consistente em um ponto: aqueles que se recusam a aprender metodicamente durante as guerras alheias invariavelmente acabam aprendendo em suas próprias guerras, mas sob condições infinitamente mais duras, mais custosas e mais trágicas.

Entre a Espanha em 1936 e a Europa em 1939, três anos separaram o alerta da catástrofe. O intervalo que temos hoje permanece uma grande incógnita estratégica. O que já não é desconhecido, porém, é a natureza do próprio alerta.

Publicado na [Conflits – Revue de Géopolitique](#).

****Loÿs de Pampelonne** é consultor de relações internacionais com mais de 10 anos de experiência na intersecção entre instituições públicas, ONGs e o setor privado. Foi adido parlamentar na Assembleia Nacional Francesa, chefe de gabinete no Conselho Regional da Île-de-France e assessor da Guarda Nacional Francesa. Com formação acadêmica em engenharia e relações internacionais, é especialista em assuntos públicos, relações institucionais, diplomacia e estratégia de influência.*
